

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 208 JULHO A DEZEMBRO 2023

Redação e Correspondência:

A. Carneiro
UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

José Ferraz
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
uniases@sapo.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES - NIF 501 794 000

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1670 Exemplares

Assinatura Anual: 5,00 €

Composição e Impressão:

Tadinense - artes gráficas

www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

PRECISAMOS DE TI

Que nasças, Senhor, no coração dos homens, sejam eles quem forem e onde quer que se encontrem.



Reli o texto com que Giovanni Papini (1881-1956) termina o livro «História de Cristo». Dele transcrevo alguns parágrafos:

1. «Precisamos de Ti, Senhor, somente de Ti, e de mais ninguém... Só Tu podes saber o quanto é desmesuradamente grande a necessidade da Tua presença neste mundo, do Teu amor neste mundo, da Tua real intervenção neste mundo, nesta hora crítica e escatológica do mundo. Nenhum outro ser, nenhum dos líderes que governam o mundo, nenhum dos poderosos que dormem na lama da glória pode dar aos necessitados, aos caídos na penúria atroz, na mais tremenda das misérias, a da alma, o bem insubstituível da Tua salvação».

2. «Todos precisamos de Ti, ainda mesmo os que não sabem, e os que sabem, mais ainda do que os que não sabem. O faminto pensa que o que lhe falta é o pão, e, no entanto, tem fome de Ti, que és o Pão Vivo que desceu do Céu. O sedento pensa que o que lhe falta é água, e tem sede de Ti, que és a Única Água que mata a nossa sede para sempre. O enfermo ilude-se desejando a saúde, porque o seu mal é a ausência de Ti, que és o Bálsamo de Gileade. Quem procura a beleza procura, sem saber, a Ti, que és a Beleza Total e Perfeita do universo. Quem busca, incansavelmente, a verdade, deseja, sem o saber, a Ti, que és a Única Verdade digna de ser conhecida. E quem se cansa de encontrar a paz, procura a Ti, que és a Única Paz que pode oferecer descanso aos mais atribulados corações. A humanidade chora e Te chama sem saber que Te chama, e o seu grito é inexprimivelmente mais doloroso que todos os ruídos do universo. Nós, os que Te amamos, não Te invocamos pela simples vaidade de Te poder ver como Te viram galileus e judeus, nem pelo prazer de contemplar mais uma vez os Teus olhos, nem pelo néscio orgulho de Te comover com a nossa súplica. Nós não pedimos para ver outra vez a Tua grande Ascensão para a glória dos Céus, nem o esplendor da Tua Transfiguração naquele único dia em que brilharam no mundo dois sóis, nem ouvir os cânticos dos anjos, e ver toda a sublimidade que cercou o Teu nascimento... Nós queremos a Ti somente, unicamente a Tua pessoa ao nosso lado, junto do nosso coração...»

(continua na página 2) →

ENCONTRO DO MINHO

SÁBADO – 10 DE FEVEREIRO 2024

SEMINÁRIO DA SILVA

Inscrições:

Isidro Linhares: 969 946 711
Costa Pereira: 253 883 438
José Manuel: 253 715 004 / 963 741 196

uniases@sapo.pt

LAMPREIADA

*O INDISPENSÁVEL E SEMPRE DESEJADO
ENCONTRO GASTRONÓMICO*

NORTE - MELRES | GONDOMAR, "LUCIANO"
SÁBADO, 16 DE MARÇO 2024

Organização:

Manuel Santos Lopes

T. 224 760 565 / 965 039 366

manuel santoslopes@gmail.com

ENCONTRO DA TORRE D'AGUILHA

LISBOA - 7 DE ABRIL 2024

*ASES do SUL, aguardar p.f. a oportuna
e habitual convocatória por mail*

José Silva Dias 962 776 192
Armando F. Silva 917 638 448
Rogério Carmona 917 265 012

uniases@sapo.pt

**A TODOS OS ASES E SEUS FAMILIARES
DESEJAMOS UM FELIZ ANO 2024
CHEIO DE SAÚDE, ALEGRIA,
ESPERANÇA, UNIÃO, AMOR E PAZ**

3. Na hora dramática que vivemos precisamos de Jesus. De Jesus que, sendo Deus, se fez um de nós. Veio ao nosso encontro para nos ajudar a tomar consciência da nossa dignidade de filhos de Deus. Para nos dizer que somos irmãos e como irmãos muito queridos devemos viver. Para nos dizer que as relações entre nós devem ser regidas pelo amor. Amor que é serviço e doação ao outro, seja ele quem for. Amor que não tolera a existência de homens e infra-homens mas para todos exige condições dignas de existência.

4. Neste Natal, é mais que urgente o regresso de Jesus à nossa vida individual e coletiva. A lembrar-nos que o núcleo da sua mensagem e a solução para os problemas com que

nos debatemos está no amai-vos uns aos outros e não no armai-vos uns contra os outros.

5. Que nasças, Senhor, no coração dos homens, sejam eles quem forem e onde quer que se encontrem. Ajuda-os a descobrirem que o dinheiro não é tudo. Que o poder é serviço. Que o outro, independentemente da sua idade e condição social, é para ser respeitado e amado e merecedor de condições humanas de vida. Que a pessoa está acima da ideologia. Que nasças, Senhor, na Tua Igreja e fora dela, que tu vieste como Salvador de todos. Volta, Senhor!

In DIÁRIO DO MINHO de 14-12-2023 – Monsenhor Silva Araújo

GODIM, 7 DE OUTUBRO DE 2023 50 ANOS DEPOIS....

J. M. Lourenço Correia - Godim 1973

Há dias que ficam na história da gente... E há 50 anos a nossa entrada no Seminário de Godim, com uma mão vazia da ausência de casa e a outra cheia de não sabíamos bem de quê..., não mais se apagou da nossa memória.

Era, por isso, uma data incontornável e após um meritório e reconhecido empenho do Francisco Pinto e do Carlos Freitas, 13 miúdos, agora homens de barba branca ou cabeça calva, voltaram a passar a soleira da mesma porta de entrada para mergulhar nas brumas da memória e na surpresa dos rostos (quase todos) desconhecidos. E a magia aconteceu.



Do (quase) nada, do (quase) esquecimento brotou um jorro de lembranças e emoções, umas após as outras, que nos fizeram sentir valer a pena este regresso ao passado e chegar ao fim desta jornada com a grata sensação de que, afinal, há dias que nos marcam a alma e há pessoas que deixam saudades. De tal forma que, ficou o compromisso de enquanto houver estrada para andar a gente vai continuar. Mas, afinal, o que aconteceu?

Dia 7 de outubro de 2023 reuniram-se no Seminário de Godim 13 dos 32 miúdos que há 50 anos aí iniciaram o seu percurso, a saber:

- António Teixeira, de Marialva/Mêda a residir em Viseu - António Marques, da Régua a residir em Valongo - Carlos Freitas, de Bagaúste/Régua a residir em Águeda - Carlos Sequeira, de Fontes/Sta Mta Penaguão - Carlos Silva, de Teixeira, Mesão Frio - Francisco Martins, de Mondim de Basto - Gentil Pedrinho, de Caria/Moimenta da Beira a residir em Viseu - Joaquim Cardoso,

da Régua - Jorge Figueiredo, de Mogadouro a residir na Maia - José Lourenço, de Barrô/Resende a residir em Lamego - Manuel Romão de Moledo/Régua a residir em Tondela - Marcolino Sobral, de Mirandela a residir em Bragança - Vítor Pinto, de Ancede/Baião a residir no Porto. Após o primeiro contacto e a surpresa da descoberta de "caras novas" fizemos uma pequena reunião liderada pelos elementos da direção dos ASES, nomeadamente pelo Francisco Pinto, José Ferraz e António Ferreira numa sala anexa à igreja de Godim uma vez que as instalações do "nosso" Seminário estão, agora, a ser utilizadas por uma IPSS.

Nesse espaço de partilha, cada um, de per si, fez uma breve apresentação do seu percurso de vida desde então





e algumas reflexões sobre o impacto e o que representou para si a vida no seminário, ficando claro, de uma forma geral, que este período foi muito significativo e marcante na constituição da personalidade, dos Valores e até dos princípios organizadores das coisas práticas da vida como sejam as regras, os horários, o rigor, o método, etc... Mas também, do outro lado da moeda, a solidariedade, o altruísmo, o respeito, o trabalho e a amizade.

Após esta breve reunião, parte significativa do grupo participou na missa de Ação de Graças pelo que este evento representou, celebrada pelo Padre José de Castro Oliveira, mas também de oração e memória pelos 4 colegas já falecidos.

No fim, dirigimo-nos todos ao jardim, onde existia o "mítico" campo de futebol, para fazer umas fotos memoráveis que todos queremos guardar.

Seguiu-se o almoço de confraterniza-

ção e tagarelice pela tarde fora... superiormente organizado pelo Cardoso no restaurante Casa São Domingos e no fim, surpresa, uma visita às Caves Vale do Rodo onde pudemos saborear um velho e delicioso néctar do Douro.

Para terminar, qual cereja no topo do bolo, a oferta dos familiares do Sequeira que colocaram à nossa disposição uma viagem até ao Moledo a bordo de um barco rabelo da Tomaz do Douro que deslizou num espelho de água rumo a um fim de tarde que ficou registado nos pixels das câmaras fotográficas, mas, sobretudo, impregnado na nossa memória afetiva.

QUE GRANDE DIA!

Acabo como comecei: há dias que ficam na história da gente. Sabemos agora que já são pelo menos 2: o de há 50 atrás e o deste dia 7 de outubro de 2023. Venham mais 5? 10? 20? Porque este soube a pouco. Um abraço.

ATIVIDADES DOS ASES

JOSÉ TEIXEIRA DA ROCHA—GUIA DO PORTO POR AMOR

Zeferino Lemos Viana 1961

Um breve rastreio às atividades não profissionais dos ASES revelar-nos-ia um reportório de ocupações que, pelo seu valor, se afirmam como mais-valias merecedoras da nossa atenção. Invoco especialmente as atividades, ocupações e hobbies pós-profissionais que dão corpo e sentido a novas formas de realização pessoal, revisitando qualidades e aptidões para uma nova fase da vida útil e ativa.

Tenho para mim que a respetiva divulgação teria tanto de interessante quanto de útil, podendo favorecer o estabelecimento de redes de conhecimento e de partilha... e, quem sabe, de inspiração.

Num breve lampejo da memória, ocorrem-me meia dúzia de casos. Mas são muitos, muitos mais... Alguns, sem descaminho do que constituiu o seu múnus profissional, outros enveredando por áreas de interesse muito diferentes, num quase recomeço, umas vezes, ou simplesmente num complemento de vida.

Para início de conversa, vou trazer à colação o exemplo do JOSÉ TEIXEIRA DA ROCHA (Godim 65) e a sua ativida-

de de guia e divulgador da cidade do Porto, pro bono.

Como bom tripeiro, o Teixeira da Rocha ama genuinamente a cidade onde viu a luz do dia. Um amor que lhe fez despontar a necessidade de conhecê-la melhor, frequentando cursos de História da Cidade do Porto. Um amor, conseqüentemente, que transborda em partilha com outros amantes e admiradores da "Invicta".

O Teixeira da Rocha começou por deleitar os ASES dos Almoços no Porto, fazendo anteceder o repasto com pequenos périplos citadinos de enamoramento pela Invicta. Enquanto isso, esporadicamente, nas manhãs de domingo, encabeçava um grupo variável de amigos e conhecidos em percursos guiados pela urbe. Seguiu-se a formalização do grupo de sua nomeada "EU GOSTO DO PORTO".

Atente-se no empenho e dedicação que o Teixeira da Rocha coloca neste cometimento. As suas

visitas guiadas ombreiam com outras de cariz profissional, desde logo pela organização, mas também pelo interesse dos temas e dos lugares, assim como pela sua notável documentação. E com todo o empenho e amor que dedica a esta atividade, o nosso guia apresenta-se munido de sistema altifalante sem fios, aportando maior qualidade e profissionalismo.

Este velho burgo esconde muita História condimentada com muitas histórias caladas no silêncio das ruas, dos edifícios, das pedras e do imaginário de quem aqui viveu. Por isso, estes percursos sempre bem delineados e profundamente estudados são uma

agradável e útil forma de passar, uma vez por outra, a manhã de domingo. Além de mais, na companhia de pessoas simpáticas, das quais algumas são ASES e seus familiares. E com o Teixeira da Rocha que partilha com aficionados e diletantes da Invicta o seu amor pelo Porto.



BODAS DE OURO

VIANA DO CASTELO 1973-2023

Rogério Barreto - Viana 1973

Passaram 50 anos desde que naquele outubro triste e derradeiro, se abriram as portas do antigo Convento das Chagas das Religiosas Ursulinas, em Viana, para receber os caloiros candidatos à vida religiosa no então Seminário da Congregação do Espírito Santo, ali fundado em 1922. Corria 1973 apressado, a descontar dias no calendário daquele ano de inícios e finitudes simultâneos.

Naquele tempo, os ventos sopravam já turbilhões de ideias novas que na Primavera seguinte floresceram e espalharam pelas cidades e vilas do país novos aromas, que os meninos não entendiam ainda, inocentes, crentes e temerosos com a nova condição de vida que se lhes apresentava, por livre escolha, por determinação familiar, ou por hábil proselitismo que na escola e na igreja da terreola condicionava as vontades das gentes.

No Verão, os candidatos meteram os papéis para entrarem no seminário, finda a escola primária, burocracias indispensáveis ao exame de admissão. Na terra diziam os colegas de escola, ele vai para padre! Não era certo que os dichotes se confirmassem, porque todos iam à experiência, desde que aprovados no exame. Pelo caminho, eivado de escolhos, foram ficando vários, muitos, desenquadrados, desajustados, inconformados, reticentes, cépticos, provando que nem todos conseguiam servir a grande causa. Por carta, os pais recebiam a notícia da admissão, que trazia apenas a lista do enxoval a fazer para viver na comunidade, a sua nova casa, com regras e hábitos muito diferentes dos da casa paterna.

Os tempos eram difíceis, e a vida não o era menos, não só nas aldeias, mas também nas cidades. As famílias punham esforço dobrado para ter um filho a estudar na cidade, que as filhas eram nascidas para outras coisas mundanas, remetidas aos enredos domésticos e ao trabalho infanto-juvenil, arredadas da educação cumprido o tempo da escola obrigatória. Poucas famílias conseguiam orientar filhos e filhas para prosseguir estudos, num país pobre, caduco, e distante das mudanças que as europas viviam intensamente. As dificuldades e as insuficiências do campo não davam aso a grandes voos para os jovens, a maior parte introduzidos rapidamente no mundo laboral, sem apelo nem agravo. Estudar era coisa de poucos e o seminário era destino da maioria dos que conseguiam migrar para a vila ou cidade e aceder a outros ambientes que a formação liceal possibilitaria, o ascensor social

que marcou gerações de seminaristas pelo país fora.

Em outubro, de malas à porta, seria dia 2 talvez, a primeira segunda-feira do mês, os rapazes tocavam a campainha da portaria aguardando que alguém abrisse a gigantesca porta de passagem. Transposta a soleira, um mundo novo se abria naquela casa grande, cheia de novidades e espaços, estranhos para todos, com horas marcadas, regulamentos, regras, deveres, tarefas, rezas e lazeres, que na reunião geral seriam explanados pela equipa directiva. Os pais zelosos acompanhavam os meninos, ataviados a preceito para se apresentarem aos padres da casa, os senhores padres, que naquele dia se desdobravam em recepções, explicações e orientações, coadjuvados por irmãos e colaboradores. O tirocínio era doloroso, em crianças que até há pouco andavam de mão com a saia da mãe! Custoso era deixar a família durante uma eternidade de três meses até ao Natal, com saudades pesadas, repletas de lágrimas que no repouso da noite corriam abundantes para a almofada reconfortante, na imensidão dos dormitórios alumados pelo clarão das luzes da cidade.

Feitas as apresentações, o seminário entrava no seu labor de formar a rapaziada que, conforme as origens e as sensibilidades, se ia adaptando aos ditames que escreviam a cadência dos dias que passavam lentos, intermináveis, nas salas de aula e nos corredores que marcavam as obrigações da liturgia, orações, matinas e completas, transitadas em séculos de Liturgia das Horas, que os colegas de gerações mais adiantadas experienciaram antes das renovações e mudanças vaticanas que o Concílio introduzira nos idos de 1960.

Entrando na dinâmica organizativa de uma casa de formação de jovens, o grupo ia-se conhecendo e as amizades construíam-se naturalmente, com simpatias e preferências entre

os pares. Os mestres ensinavam artes diversas, cada qual com a capacidade e competências que a biologia e os contextos lhe proporcionaram. Como em tudo, todos são diferentes, uns bons e outros menos bons.

Calhou-nos em sorte um lote de extraordinários professores, sábios, dedicados, amigos, conselheiros, guias, virtuosos e piedosos. Um ou outro mais dado a impetuosidades, de feito travesso, que no meio da paz e harmonia que



se respirava naquele casarão, atormentava os alunos, autoritário, mordaz, azedo, de mão ligeira, que distribuía amiúde uns desafectos pelas faces dos esforçados alunos, nuns mais que noutros, transidos de medo perante aos métodos pedagógicos pouco ortodoxos e nada condizentes com as boas práticas educativas. Quais personagens mefistofélicas, alguns operavam em desfavor dos ensinamentos de Nosso Senhor, obrigando a que os discípulos andassem sempre de credo na boca quando as circunstâncias obrigavam a encontros desasossegados, fosse na sala de aula, fosse nos corredores e espaços da casa, fazendo tremer as pernas e encolher o corpo franzino. Essas figuras pouco tutelares faziam desacreditar os novatos! Não que não estivessem familiarizados com violências, pois que nas escolas de onde provinham se praticavam com alguma regularidade por professores e professoras que estavam de mal com o mundo e que nas manhãs aziagas bebiam vinagre ao pequeno almoço, imbuídos de princípios e modos rudes, de pedagogias do medo e da força, sacrificando vezes sem conta as desgraçadas crianças que eram as vítimas do seu mau humor, num tempo em que essas aviltantes práticas eram permitidas com o beneplácito das autoridades e com a submissão das famílias às figuras gradas da terra, o pároco e o professor, às vezes mancomunados em abusivas reprimendas atentatórias da dignidade humana, ofendendo tantas vezes a integridade física dos pequenos alunos e atropelando sem pejo os seus direitos de criança.

Compensavam os homens bons que viviam naquela casa, os mais velhos de hábito de missionário ainda, do tempo das Missões africanas, que o museu, instalado ao lado da varanda altaneira, relembra através de centenas de artefactos oriundos dos povos bantos angolanos, que a missão do século XIX trouxera nos baús do vapor, feitos pelos ovimbundos, ambundos, congos e outras gentes do sertão tropical. Esses sacerdotes faziam compreender que o Homem era um ser talhado para o bem, que a espiritualidade era importante na vida das pessoas e que provavelmente alguns de nós poderiam vir a ser os pastores dos rebanhos, guiando o povo nas virtudes da fé, quando fossem homens esclarecidos e conscientes das funções que lhe seriam atribuídas. Alguns estudantes duvidavam que pudesse haver pescadores de homens, como lhes afirmava Pedro, que as histórias falavam sempre de pescadores, peixes, redes e anzóis e isso podia lá ser! Ficavam-se a congeminar ficções com esses homens e mulheres antigos que vinham nos textos bíblicos! Valia-nos a bondade e a amizade desses seres superiores, com experiência de vida sacerdotal exemplar, digna, nobre, que pacientemente ensinavam e inculcavam valores.

Aquele período preparatório de dois anos foi moldando os pequenos seres, como se cada qual fora uma tábua rasa onde se iam inscrevendo valores, princípios, saberes, acrescentados em cada momento e experiência, na comunhão de objetivos e vivências significantes.

Muitos prosseguiram os estudos e transitaram para o Fraião. Alguns poucos abandonaram e foram à sua vida, que aquele lugar não era para devaneios, fracos saberes e desacertos espirituais.

Desse tempo rememoram-se as vivências, as histórias, os professores, os guias, os colegas, os amigos. Revê-se a casa, relembram-se as aulas, as horas de estudo, as actividades culturais e lúdicas, o desporto, os passeios, as tardes livres, o trabalho e as tarefas no asseio da casa, as refeições, as

rezas, as missas, as leituras, os cantos e as ladainhas, as visitas dos pais, as festas dos pais, as idas a casa, as férias e tantas outras coisas que marcavam aquele tempo iniciático. 50 anos passaram. Era 21 de Outubro. Por meados da manhã cinzenta aportaram a Viana os antigos seminaristas espiritanos, transfigurados em Ases. Poucos responderam ao convite para a efeméride comemorativa. Por razões várias, muitos não puderam estar presentes. O velho Convento das Chagas ali estava, no seu estilo imutável, de arquitecturas antigas, cansado dos anos, vazio de espiritanos, sem uso de religiosos. Foram-se aos poucos, pelo avanço da idade e das leis da vida, outros transferidos para o lar do Fraião.

O encontro aconteceu à porta da Igreja dos Santos Mártires de Viana do Castelo, encimada pelas estátuas de Teófilo, Revocata e Saturnino, que do frontão observam, desde 1637, a bela Princesa do Lima. Uns e outros foram chegando, cumprimentando-se com fortes abraços de camaradagem. Reconhecem-se todos, ao fim de tanto tempo. A velha guarda, representada pelos Ases José Ferraz (G54), Francisco Pinto (V56) e António Rodrigues Ferreira (V57), fez as honras da casa e deu as boas vindas aos aniversariantes, apondo-lhes na lapela um elegante pin alusivo à associação espiritana. Alguns não se viam desde que dali partiram em 1975, outros desde 1978 quando abandonaram o Fraião. Em pouco tempo ficou reunido um grupo que foi desfiando recordações dos tempos em que todos se irmanavam na vida daquela casa grande, evocando peripécias e histórias engraçadas, momentos vividos e personagens que motivaram ou marcaram aquela fase da vida. Estiveram presentes Américo Pinto Alves e esposa Marlene Alves, Artur Agostinho Silva, Ernesto Faria Vinha, Isidro Linhares, Manuel Passos Silva, pároco de Barrocelas e Carvoeiro, Mário Jorge Silva, Rogério Barreto, António Maranhão Peixoto (V74) e Delmiro Silva (V72).

A visita ao interior do edifício surpreendeu a todos. O antigo seminário, com obras de modernização, estava transformado num espaço residencial para jovens estudantes dos Palop. Deambulamos pela escadaria de betão e acedemos à antiga varanda voltada a sul, com vista deslumbrante sobre a cidade e as cercanias ribeirinhas, o mar oceano no seu lânguido vaivém, os montes grisalhos ao redor, e os povoados a colorir a paisagem. Dali descemos, acedendo ao claustro, agora envidraçado, e ao pequeno jardim que lhe resiste, onde se fez fotografia da praxe. Dali às traseiras, pelo lado da cozinha, àquele que era o acesso, qual túnel, ao campo de futebol. Vedada a passagem pelas escadas antigas, restou confirmar o abandono a que foi votado, uma devesa sem utilidade, com o pavilhão arruinado de cobertura. Lamentámos o estado obso-



leto daquele “complexo desportivo” onde desfilaram nos anos 70 os Cruiff’s, Eusébio’s, Beckenbauer’s, Keegan’s, Muller’s, Cubillas, Maier’s, das esforçadas equipas que rompiam no áspero pelado as sapatilhas, mais apropriadas para artísticos bailados, quando as botas e chuteiras não integravam ainda o equipamento oficial, de calções de ginástica e camisolas da feira, em jogadas e golos de antologia, dignos de figurar na mais letrada folha de couve do bairro das Ursulinas. Tempora heroica!

Aprontou-se o tempo pela hora do meio dia e os convivas encaminharam-se para a igreja para evocar o Cristo redentor, percorrendo os passos perdidos de outrora, quando as missas e as vésperas chamavam ao dever. No interior lá estavam o altar e os retábulos de arte antiga, os mesmos bancos na ordem natural do espaço de oração. O Linhares e o Francisco Pinto ensaiaram as cantorias, a que alguns já não estavam habituados, para entrar no tempo certo da celebração presidida pelo Manuel Passos, em ambiente familiar, com as leituras do preceito e a comunhão dos sentimentos de paz e amizade. Relembramos, saudosamente, três colegas que já não estão entre nós, António “Cerqueira” Silva, do Lindoso, “José” Joaquim Martins “Marques”, de Tamel, Barcelos, e Miguel “Valentim” Martins Costa, da Aguçadoura, Póvoa de Varzim.

Findo o cerimonial despedimo-nos dos funcionários que estavam de serviço e rumámos a sul para o almoço melhorado, como nas refeições dominicais que fizemos vezes sem conta, celebrando a amizade e a concórdia. Atravessado o Lethes não perdemos a memória, como temeram os romanos às ordens do legionário Decimus Junius Brutus “Callaicus”, que por volta do ano 138 a.C. o atravessaram nas campanhas do império itálico. Em Barroelas, terra do Barreto, a Capareiros de antanho, onde parou o Manuel Passos, degustamos um magnífico bacalhau da casa, copiosamente regado com verde branco da região, no restaurante Sol Doce, entre conversas e gratas recordações do tempo em que nos conhecemos e convivemos sadiamente.

Registando os momentos de encontro, as novas tecnologias digitalizaram o repasto, do qual se apalavrou comemoração cinquentenária nas terras brácaras e se alinhavou esta crónica, que vai assinada por escriba de circunstância.

Satisfeitos e contentes com este encontro memorável, os companheiros despediram-se e pelo meia da tarde ainda cinquenta regressaram a casa, prometendo novo encontro, esperando que outros companheiros se juntem nos 50 anos do Fraião.

NOTÍCIAS BREVES

PE. TARCÍSIO MOREIRA 50 ANOS DE ORDENAÇÃO SACERDOTAL

Celebrou-se ontem, dia 22 de outubro de 2023, em Fiães, sua terra natal, o Jubileu comemorativo dos 50 anos de ordenação sacerdotal do Padre Tarcísio dos Santos Moreira.



A organização deste evento esteve a cargo da LIAM de Fiães, e dos Jovens Sem Fronteiras da mesma localidade, e do seu programa constou, no dia 20 (sexta feira) Eucaristia Missionária, no sábado, dia 21, Eucaristia Missionária e Vigília Missionária, e finalmente, no domingo 22, as celebrações Eucarísticas da Paróquia foram orientadas pelos respetivos celebrantes e demais intervenientes no sentido da Obra Missionária, até porque se tratava do Dia Mundial das Missões. E não foi por acaso que o Jubileu aconteceu neste dia. A Ordenação sacerdotal do Padre Tarcísio ocorreu no dia 26 de agosto, mas, por sua vontade pessoalmente expressa, foi decidido celebrá-la no Dia Mundial das Missões.

A Vigília Missionária do sábado contou com a colaboração da Comunidade Espiritana do Porto (Pinheiro Manso). A celebração terminou no domingo com a “Eucaristia das Bodas de Ouro” às 15,30 horas, presidida pelo homenageado e concelebrada por mais 15 padres, maioritariamente Espiritanos, onde, entre todos os outros, vimos o Padre António Moreira (seu irmão), o Superior Provincial (P. Pedro Fernandes), o Pároco e ex-Pároco de Fiães (Padres António Martins e José Campos). Vários movimentos de cariz missionário também se fizeram representar (LIAM de Fiães e S. M. Lamas, MOMIP, Jovens Sem Fronteiras, etc.). Esta celebração Eucarística foi abrilhantada por um coral composto por elementos dos vários grupos que animam as celebrações dominicais da Paróquia, e que, juntando-se, quiseram dar também o seu valioso contributo, dirigido superiormente pelo professor Nuno Regal. Por fim, terminou a festa com um convívio em que se reuniram num restaurante local cerca de 130 pessoas amigas e conhecidas do Padre Tarcísio.

Manuel S. Moreira

AGOSTINHO G. ALVES SANTA – GODIM 1967



Originário de Vila Pouca de Aguiar. Formado em Direito, fez carreira na Administração Escolar, tendo chegado a Inspetor Geral da Educação:

nesta sua atividade foi encontrando vários Ases professores aquando das suas visitas de inspeção às diversas escolas. Em 2020 publicou BICHOS COMO NÓS, literatura infanto-juvenil. Desenvolveu também atividade política ligada à sua região de origem: foi presidente da Comissão Administrativa da Casa do Douro e deputado à Assembleia da República, pelo círculo de Vila Real, nas duas legislaturas XII e XV. Em fins de novembro passado, foi acometido de “enfarte” e internado para ser submetido a operação. Deixamos aqui os nossos votos de franca e rápida recuperação, com regresso à sua atividade normal e aos nossos encontros dos ASES.

RESTAURO DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA



Colégio Espírito Santo 1910

Esta imagem está no parque norte das tílias e aqui se têm tirado as fotos dos encontros do Fraião: aquando do encontro de 18 de novembro passado, o Superior, Pe. Manuel Martins, contou-nos a sua história. Decorriam os anos oitenta, uma família de Braga telefonou para o Seminário dizendo que tinha em casa uma imagem, que tinha sido recolhida em 1910, no Colégio do Espírito Santo e que é atualmente o Liceu Sá de Miranda, aquando da implantação da República e a confiscação de todos os bens da Igreja. Foi



levada para casa da família por temer a sua destruição pela horda (Colégio Espírito Santo 1910) de ateus republicanos e maçónicos. Agora, não sabem o que lhe fazer... Os responsáveis do Seminário mostraram interesse e lá foram buscar a imagem com uma grua (é de ferro e pesa umas toneladas) e aqui foi colocada. Em vista do seu estado lastimoso, os presentes, impulsionados pelo Cunha Pinto, aprovaram o lançamento de uma CAMPANHA para ANGARIAÇÃO DE FUNDOS para seu restauro e pintura. Aguardamos o orçamento de um pintor santeiro de Braga. Entretanto o nosso Ás António Silva Pereira, professor no Agrupamento, ficou de procurar documentação daquela época, que se possa encontrar nos arquivos do Liceu (ver reportagem na página 10).

Fica aqui o APELO: com as vossas quotas, venha um suplemento para o restauro desta bela imagem, pertencente ao espólio da nossa Congregação.

CANTINHO DA POESIA

NATAL 2023

*Pois se para um viver
O outro tem de morrer,
Onde fica a esperança?
Se, ao crescer, a criança
Inculca um ódio de morte
Ao seu vizinho na sorte
De não ter o mesmo crer
Nas teorias do ser,
De que adianta iludir
O caminho a seguir?
Um muro separa os passos,
As palavras e os braços
De quem se queira entender,
Quem é que o mandou erguer?
Foi o medo, diz ninguém
Que não passa por alguém
Sem correr perigo de vida.
Neste beco sem saída,
Querer um Menino a nascer,
Para o ódio transcender,
Acaba por ser sinal
Da divergência abissal
Que chegou aos nossos dias
E nos enche as mãos vazias...
Dispostas a não escolher
Entre matar e morrer.*

José Machado – Godim 1964
Boas Festas e de Feliz Natal.
Braga / 2023



OS ASES CONTINUAM A ESCREVER

Sob o pseudónimo de Luís Alpico, o ás António Luís Pinto da Costa (Godim - 1956) acaba de lançar o seu décimo primeiro livro, com o título **Retrato de Corpo e Alma (Momentos da Vida Trasmontana)**. Esta obra é constituída por vinte pequenos contos, cujo cenário é, como o próprio título explicita, Trás-os-Montes e, mais limitadamente, o concelho de Vila Pouca de Aguiar, que o autor garante, no entanto, ser uma reduzida, mas exemplar, amostra de toda a região.

Ficamos à espera da próxima produção.
Contacto do autor: alpico46@gmail.com

PAGAMENTO DE QUOTAS E OUTROS ATOS DE TESOURARIA

Efectuar Transferência para :

PT50 0035 2008 0003 8874 9303 5

Não esquecer. Indicar no Descritivo: Nome completo ou nº de Ás

Ou Depósito na conta (numa Agência da CGD):

Nº 2008 038874 930

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...RESPOSTAS MUITO BREVES

F. Cunha Pinto – Viana 1956

Desejamos a todos os ASES umas **SANTAS FESTAS de NATAL** extensivas a todos os seus familiares e amigos.

Agradecemos a todos os ASES que, aproveitando o email uniases@sapo.pt ou o meu pessoal cunhapintobra@sapo.pt nos têm feito chegar os mesmos votos para todos os ASES...

A mensagem email do Tesoureiro de 2 de dezembro, lembrando a Tesouraria, foi muito útil: foram recebidos "agradecimentos" de vários, alguns até com graça, e créditos na nossa conta; não se recuperou o montante do ano passado, mas não estivemos longe... Em reunião de Direção foi decidido contribuir com um donativo de 2.125.00 € para as diversas obras da Congregação: Bolsas (500 €), Cepac (725 €), Missões de Moçambique (300 €) da Bolívia (200 €), Abraçar São Tomé (300 €) e SOLSEF (100 €), esperando a ratificação desta decisão na nossa próxima MAGNA de 2024.

Pe. Pedro Fernandes – Provincial

Um Natal Feliz e um 2024 abençoado são os votos dos Missionários do Espírito Santo para todos os seus amigos, benfeitores, familiares e colaboradores.

Que seja a luz de Jesus a continuar a iluminar este caminho que fazemos



juntos.

Abraço missionário para tod@s.

Os melhores votos de todos os ASES

sempre reconhecidos à Congregação.

João Paulo Vilas Boas

V79

Olá, boas, companheiro de armas. No seguimento da lembrança e aproveitando a época Natalícia que se avizinha, aqui fica a minha pequena contribuição para reduzir a diferença de saldo para 2023. Um abraço e votos de um Santo Natal 2023.

Olá, estimado. Como vai essa vida? Ainda continuas por essas terras da Normandia? Terra do bom calvados... e de gente boa e resistente... Já está registada a tua generosa oferta: muito obrigado... Passei aí uma férias maravilhosas na zona de Lisieux... Grande abraço e votos de um NATAL cheio de saúde e alegria. Ano 2024 com saúde e bolsos (contas no Banco...) cheios...

Armando Alves Ferreira Silva

V56

Obrigado. Muito boa leitura, mais uma vez. Apreciei em particular as crónicas bem-humoradas (e bem escritas) do Zeferino, e o regresso do Azevedo Moreira, com a sua pena bem calibrada e fluente, a não permitir que se interrompa a leitura.

Ele que não se aborreça, mas hei-de insistir até que a voz me doa: para quando a publicação em livro destas crónicas, desde as do Jovem Missionário até agora?

Sem prejuízo, é claro, de me congratular com os contributos de todos os restantes "escritores", com destaque para a invejosa erudição do Henrique Martins...

E uma menção especial para a presença nestas páginas de colegas mais jovens, nesta árvore de folha perene!...

Já sabes que não é fácil reunir todos estes contributos: continuamos à espera da tua colaboração.

Henrique Moreira Martins

G58

Olá, Dedicado Cunha Pinto:

Muito grato pela elegância das tuas explicações, sobre o assunto de meu email que motivou esta resposta. Quem, como tu, tem tanta tarefa a cumprir e ainda os espartilhos da paginação, etc, para cúmulo durante as férias, não tem que ainda preocupar-se com tais explicações... Mas compreendi: não é uma questão de "monopolizar" ... mas, às vezes, de falta de adequadas alternativas **disponíveis e na posse de quem tem de decidir...**

No último UNIASES tivemos que incluir outro teu artigo, porque precisava para preencher as 16 páginas. Já compreendeste a nossa dificuldade em arranjar artigos e ... paginar...

Caro Cunha Pinto:

Antes de mais, vão os meus votos, de que continues a desfrutar o mais possível as tuas merecidas férias. E falo nestas... para enfatizar o zelo de alguém, como o meu amigo, que leva para a praia... a preocupação da Publicação do UNIASES: é algo que muito me sensibiliza, pela dedicação que traduz|...

Quanto a uma apreciação do Boletim em causa, faço minhas, com a devida vénia, as palavras do nosso Armando (que fez o favor de me estender a sua adequada apreciação do mesmo... mas com um pequeno reparo: verifico nele duas publicações de minha autoria: a referente à HERMENÊUTICA BÍBLICA (que vem sendo publicada por N^os)... mas desta vez o mesmo Boletim inclui ainda mais um artigo meu sobre a INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL... Ora eu já havia reduzido aquele primeiro Trabalho, ao mínimo, - precisamente para deixar espaço no Periódico... para Escritos de outros Colegas... vir agora, o 207, não só com

um (e extenso) mas dois Artigos, do mesmo escriba... vai contra aquele meu princípio!...

Nem se alegue que foi por falta de outros artigos... para o completar: é que eu próprio dei um exemplo de que nunca faltaria material de qualidade a publicar, - ainda que por partes: e aponte "A HERDADE DO CASCÃO" do nosso sobredito ARMANDO – bela de fundo e forma: uma das Obras que em toda a minha vida mais gostei de ler (li duma assentada), porque a pertinência da Temática e o traço elegante que a tece prendem qualquer leitor de bom gosto e mesmo o mais exigente: a Obra pede meças em termos científicos e sociológicos, - sem fugir à leveza de quem, num estilo fluido, aprazível, nos vem lembrar muito do nosso comum viver! A Obra revela uma generosa erudição, e uma metodologia indefetível e é dum realismo sincero, à medida da generosa inteligência e fina sensibilidade quem a produziu.

Tudo isto para justificar que, indo por aí, nunca faltarão bons e belos nacos de prosa, de autênticos escritores "da Casa" que podem evitar a "repetição" em causa!...

[Não te preocupes com as críticas de "monopolizar": para esses críticos está o meu email à espera de artigos...](#)

Armando Alves Ferreira Silva V56

O FCP (um acrónimo bem mais giro que SCB), que tão bem tem preservado a tradição de décadas, sucedendo ao saudoso Melo, e que eu também assumi com empenho algures nos anos 80, o Uniases não se destina a publicar livros. A Herdade do Cascão é um repositório com mais de 200 páginas das minhas memórias de infância, antes mesmo de nos termos reunido para uma experiência muito mais profunda e madura, no que foram os seminários em que nos conhecemos e convivemos. Para revivermos esses tempos, únicos, lapidares e inolvidáveis, temos felizmente o verdadeiro

tratado que nos proporcionou o António Luís, LEVADOS POR UM SONHO. Reli-o há pouco, curiosamente para estar apto a responder às perguntas que o meu David me quis fazer para um podcast de memória futura, que dava sequência a um primeiro que já tínhamos gravado, precisamente sobre a matéria contida no Herdade do Cascão...

Dito isto, oferecerei com muito gosto um exemplar a quem se interesse em inteirar-se do que foi passar uma infância numa aldeia do Douro Litoral à saída da segunda Grande Guerra (pois que nasci no final de 1944) ...

Basta mandar-me o endereço, e eu envio. Aproveito aqui para anunciar aos 'sócios' das MAAES que está na calha a publicação de mais um livro dos que foram os nossos maiores, neste caso o Padre Arlindo Areia Amaro, que implantou em Cabo Verde um sistema a todos os títulos revolucionário na aplicação da doutrina do Evangelho em três paróquias (S. Domingos, Órgãos e Picos) entre os anos 60 e 1975.

[Já ficam todos elucidados sobre a Herdade do Cascão.](#)

João Carlos Roque Azevedo G55

Sou o Roque Azevedo, do ano de 1955 de Godim. É com elevada satisfação que cumprimento o meu Tesoureiro, para mim um verdadeiro ministro das finanças dos Ases. A minha assiduidade em matéria de pagamento anual de quotas, como muito bem sabes, está longe de ser recomendável. Se me é permitido questionar, venho indagar no sentido de saber se, considerado o crédito entregue na Torre d'Aguilha, tenho quotas em atraso. (...)

Obrigado pela informação sobre o meu historial de pagador de quotas. Hoje já vou dormir mais descansado! Julgava eu que o hiato de incumprimento tinha uma dimensão muito maior. Já me tinha convencido de que a tua competência em matéria de finanças era seguramente ao nível de catedrático, mas agora, perante o his-

torial que enviaste, não tenho dúvida nenhuma em afirmar que neste planeta não existe ministro de finanças que te chegue sequer aos calcanhares! Pelo que, para mim, exercerás o cargo vitaliciamente neste mundo e com longevidade perpétua no outro!

[Este lugar de tesoureiro não pode ser vitalício: para o ano já faz 20 anos... e tenho que ir de abalada...](#)

[Ficam os ASES avisados: temos registado de todas as quotas e donativos desde 2004: querem receber a informação? - é só pedir...](#)

Joaquim José Azevedo Moreira S55

Nem sei que te diga mas, em primeiro lugar o "desgosto" de ver que o jornal não pode sair por falta de colaboração. Depois, o teu trabalho, que considero heróico, porque vais a todas e carregas a responsabilidade das finanças e do jornal, não falando da tua vida particular. Quanto ao texto, eu venho escrevendo pelo antigo, não adiro ao novo dito (des)acordo ortográfico. Mas na expressão "a uma humanidade fracassada" há um erro, ou fica "a" ou fica "uma", eu prefiro "uma". Fotografia minha, não tenho nenhuma atualizada, mas também não gosto de ver a minha cara. Para o ano, porque vou deixar a estante vazia e mudar de rubrica, espero, veremos se vale a pena procurar uma fotografia.

De futebol, acredito num bom resultado do Braga com o Real, porque não, são onze contra onze e o Braga anda confiante. Não vai ser fácil nem para o Braga nem para o Porto nem para o Benfica. Vamos esperar.

[Se os que têm arte e engenho fossem como o Azevedo Moreira, eu não tinha preocupações de andar a mendigar artigos e passar umas tardes e noites a preparar o jornal. Já agora, confesso, que este 208, no meio das festas de família do Natal, custou-me mais que os outros... Nos futebóis, nem o meu apoio em Madrid valeu ao meu SCB: "aquilo tudo" em Madrid é grande demais para o meu Braga...](#)

BODAS DE OURO DE ENTRADA NO FRAIÃO 1973-2023

Mário Neiva Viana - Viana 1971

No passado dia 18 de novembro, todos os caminhos – desde Lisboa, Porto, Guimarães, Viana do Castelo, Barcelos, Famalicão e Braga – foram dar ao Seminário do Fraião, que acolheu a celebração da entrada nesse Seminário, no longínquo ano de 1973, de umas sete dezenas de alunos vindos de Godim e de Viana do Castelo.

Durante a manhã, fresca da chuva incessante das últimas semanas, perto de duas dezenas de ASES foram transpondo o novo pórtico do Seminário, para se aquecerem ao calor humano dos abraços, dos sorrisos e das conversas de tão aguardado reencontro.

Enquadrados pela direção da União, presente em força (José Ferraz, Cunha Pinto, Albano Sousa e António Ferreira), e guiados pelo Superior da Comunidade, Padre Manuel Martins, fez-se uma visita ao recinto. Mais não foi possível, porque a maior parte do edifício está alocada ao Lar Anima Una e o pavilhão sul está em obras. Na alameda das tílias, bem atapetada de folhas de outono, sobranceira ao antigo campo de futebol, tirou-se a fotografia da praxe, aos pés de uma belíssima, mas descorada, imagem de Nossa Senhora. O Superior da Comunidade aproveitou para narrar a “peregrinação” daquela estátua, que começou por ser colocada, em 1872, no antigo Colégio do Espírito Santo (depois, Liceu Sá de Miranda), foi retirada a seguir à implantação da República, passou, entretanto, pela casa de um particular e, por fim, em 1988, ali ficou exposta, no seu plinto de granito, do lado poente do espaço. Com assinalável sentido de oportunidade (como sempre que toca a finanças...), o Cunha Pinto lançou o repto de uma angariação de fundos para o respetivo restauro/pintura.

A volta prosseguiu até à vedação das obras do pavilhão sul, agora transformado em moderna unidade hoteleira, em fase de ultimização.

Ao meio dia, seguiu-se a Eucaristia, na capela privativa da Comunidade, celebrada pelo Padre João David Souto, que

amavelmente se disponibilizou para esse efeito, ocasião aproveitada, além do mais, para lembrar e orar pelos Formadores que tivemos no Seminário, quase todos já falecidos.

O almoço, primorosamente confeccionado e servido pelo Lar Anima Una, estendeu-se pela tarde, em animado convívio entre os participantes. Como é seu apanágio, o Cunha Pinto aproveitou para (nos) pôr as cotas em dia e distribuir cultura, sobretudo doutrinária e religiosa, profusamente plasmada nos livros editados sob chancela do MAAES (Memórias Antigas Alunos Espírito Santo).

Já a tarde declinava, deu-se por finda a jornada, partindo todos, com certeza mais enriquecidos e alentados pelo convívio, de regresso a suas casas... até novo encontro.

Uma palavra final de agradecimento à direção da União, pela sua reconhecida abnegação e disponibilidade, e à Comunidade Espiritana que tão hospitaleiramente nos acolheu.



ALMOÇO MENSAL DOS ASES NO PORTO

Nota da redação: Todas as 2^{as} TERÇAS FEIRAS do mês vários ASES reúnem-se num almoço no centro do Porto: o “cronista-mor” é o Zeferino Lemos que todos os meses nos delicia com uma crónica; temos dificuldade em escolher: desta vez escolhemos a de dezembro pela originalidade de o cronista não ter participado e nos fazer passear pelas atrações do Porto. Para aparecer há que telefonar ao José Rocha – 916 465 210

ALMOÇO DE DEZEMBRO O ALMOÇO A QUE NÃO FUI

Zeferino Lemos- Viana 1961

O almanaque não deixava enganar: era a segunda terça-feira do mês de dezembro. Os “ASES dos almoços no Porto” rumariam ao Bella Roma para mais um convívio que seria também o almoço de Natal. Era, porém, a minha vez de não estar presente... fisicamente...

Mas, de alguma forma, não podia deixar de participar naquele encontro. Associei-me aos congregados deste almoço de dezembro, deixando-me levar em fantasia pelas recordações dos natais de antanho que coloriam esta nobre e invicta cidade, salvando-a por alguns dias do seu ar sisudo e compenetrado de quem muito labuta.

Juntei-me aos congregados e observei-os em alegres passadas confluentes à Praça da Liberdade, a icónica sala de visitas do séc. XIX e que ainda faz jus a essa condição, agora em parceria com a Avenida dos Aliados. Garbosa e altiva, mas envergonhada do desalinho em que a meteram, continua a acolher quem chega e a reviver a atmosfera do natal nas memórias de outros tempos, e dos nossos tempos, que faziam da Praça o centro giratório de tanta gente que descia à Baixa em busca de sugestões para a festa natalícia.

De facto, o Natal entrava em modo acelerado pelas calendas de dezembro. A magia da data e a atmosfera festiva que produzia traziam as ruas em alvoroço.

Os gaiteiros chegavam, de fora da cidade, com as suas gaitas de foles, exibindo cores garridas a condizer com o colorido das suas músicas. O rapazio e o povolêu seguiam-nos e a festa estava lançada.

Pareceu-me reconhecer, dobrando a esquina de Sampaio Bruno, o Cardoso distribuindo risadas e alegria em mãos cheias de anedotas sempre oportunas. E faltava-lhe a companhia



do António Magalhães... A época festiva estava oficialmente aberta.

Vendedores os mais diversos ofereciam os seus produtos e bens. Muitos circulavam pelas ruas da Baixa, apregoando os seus produtos, enquanto outros disponibilizavam os seus em locais fixos que atraíam imensa população. Os vendedores de mel que, à época, tinham de ser os próprios apicultores, povoavam as ruas, mas também se concentravam nas imediações do Mercado do Anjo, à sombra dos Clérigos, para vender o mel ao quilo. Que bela oportunidade para o Timóteo mostrar à urbe o fruto do seu labor agrícola!... Quem sabe, algumas passas e mel, ou mesmo a bela tronchuda de indispensável presença na noite de consoada.

Ali mesmo, na antiga Praça Nova das Hortas instalava-se um concorrido mercado de frutos secos e doces que se destinavam à ceia natalícia.

Ligeiramente acima, na Rua da Assunção, as lojas das louceiras atraíam muitos compradores em busca da tradicional louça de barro vermelho com riscas amarelas que seria usada para levar à mesa as rabanadas e outras iguarias da consoada. E, na Calçada da Natividade, que devia o seu nome à Fonte da Natividade, atual Rua dos Clérigos, realizava-se uma feira onde se vendia doçaria própria da época.

Julguei que, numa banca, poderiam surpreender-nos o Zé Henriques e o primo, o Cunha Henriques, com a bela fogaça da Feira que vai chegando à mesa do Natal para aí permanecer até fins de Janeiro, para a festa da fogaça. Faziam parceria com o Justino que trazia o pão de Espinho para a ceia de Natal.

O Zé Rocha, trazia belos repolhos de Gondomar para a consoada e a regueifa de Valongo e o cacete, aquele pão comprido que é utilizado para a confeção das loiras e das rabanadas. Enquanto isso, os mais traquinas jogavam ao pião por entre os passeantes... e riam divertidos com as piadas do Cardoso...

E não podia deixar de falar do bolo-rei que surgiu na cidade do Porto, pela primeira vez, na confeitaria Cascais, que ficava ao cimo da Rua de Santo António e que, anos mais tarde, se mudou para a Praça Nova ou, se quisermos, Praça da Liberdade. Era o bolo do dia de Reis. Entretanto, já ecoava pelas ruas da cidade o repicar da “garrida” (um sino pequeno) da torre do Mosteiro de S. Bento da Avé Maria, anunciando o Natal. O seu repicar festivo às mãos das doces reclusas anunciava à cidade o início da época festiva...

O convento cedeu o lugar à Estação de S. Bento, onde os comboios chamam para a viagem de regresso a casa. Por entre os silvos do comboio ainda pairam os ecos da garrida que as freiras tangiam com júbilo logo após o bater das Trindades. Nas ruas, as pessoas saudavam-se: “NATAL, NATAL! BOAS FESTAS, BOAS FESTAS”.



6. HERMENÊUTICA BÍBLICA E SUA HISTÓRIA

Henrique Martins – Godim 1958

(Continuação do Uniases 207)

Acabámos de passar em revista duas divergentes leituras do Relato Bíblico da Criação, sendo que a posição de A. Couto se mostra bem mais próxima da tradicional que a de Armindo Vaz, que dela se afasta uns anos luz!...

Perante tais divergências, nada melhor que ouvir o nosso Maior Especialista nestes Assuntos Bíblicos, que é o Rev. Prof. J. Carreira das Neves, de saudosa memória, que também ensinou estas matérias, durante décadas, na U. Católica (Centro de Lisboa) e foi Membro Ilustre da Academia de Ciências. Na sua Obra “A BÍBLIA-O Livro dos Livros”, Vol.I, Edit. Franciscana, 2007, pág 155, - este renomado Biblista entende que a compreensão de Gn 1-3 perpassa, vertical e horizontalmente, todo o resto da Sagrada Escritura, (como sua principal chave hermenêutica), - talqualmente é indispensável para a compreensão cultural-religiosa de judeus, Cristãos e Islâmicos. Carreira das Neves, (a pág. 155 da cit. Obra) refere que os Autores atrás escarpelizados – representam as diferentes escolas de pensar as origens de GN 1-3, em que a maioria dos investigadores Bíblicos se filia, mas que continuamos com as tais questões em aberto. E acrescenta:” os leitores não devem ficar indiferentes, mas concluírem que estes textos influenciaram (e continuam) a vida Judaica e a nossa e que...já muitos investigadores-exegetas foram mal julgados (injustiçados) e até “abandonados” pelas respetivas Igrejas!...” Aduz, de seguida, que a Igreja Católica, nos últimos documentos, tem incentivado os seus Teólogos, para investigarem e estudarem, com total liberdade, tendo sempre em atenção o passado, o “sensus fidei”, - mas sem sofrerem pressões na sua investigação Académica. Assim se compreendem as diferentes posições de ambos os referidos e grandes exegetas católicos portugueses, - que não devem escandalizar ninguém. Pelo contrário, são a prova de que o assunto é sério de mais, para ficar encerrado dentro de uma única posição investigável, transformada em Doutrina Oficial da Igreja. “Para Armindo Vaz estamos perante um “Mito Puro de Origem”: são as origens do mundo e da humanidade que estão em causa, percebidas através das imagens e metáforas do Mito. Para António Couto, (pelo contrário) estamos perante um Relato do Começo, mas já não são as origens do mundo e da humanidade que estão em causa e, sim, a vida cultural de fé e política dos Judeus. Para A. Vaz, o que está em causa é a formação progressiva do homem-mulher, - nos seus inícios. Já para A. Couto, releva a vida concreta de bem e mal, sempre a partir do amor de Deus –YHWH-Eloim, pelo povo judaico: o processo do texto é o processo da vida dos Judeus. Para Vaz, não há qualquer pecado “original” no Relato de GN 2-3; mas A. Couto refere que o homem e a mulher, entretanto, se tornaram pecadores e maus, “mercê do que a sua vida concreta sofreu



uma viragem de 180 graus”!... O tema do “Pecado Original” – continua Carreira das Neves (Op. Cit) - é uma das mais discutidas questões, no Campo da Exegese Bíblica, da Teologia Dogmática, Sociologia e Psicologia Cultural. É tema absolutamente incontornável. A tal respeito, escreveu Paul Ricoeur - (Le Conflit des Interpretations”- le “Peché Originel”: Étude de Signification - Seuil, Paris, 1969, pág. 266): “Nunca se dirá suficientemente o mal que fez à Cristandade, a interpretação literal historicista do Mito Adâmico, ao levá-lo à profissão duma história absurda e às especulações pseudo-rationais sobre a transmissão quase biológica de uma culpabilidade quase jurídica, da falta cometida por outro homem, castigado na noite dos tempos, nalguma fase da evolução, entre o Pitecântropo e o homem de Neanderthal.” (Ainda bem, para as inocentes crianças, que venham a morrer sem batismo: é que, doravante passarão a ir para o Céu e já não para o LIMBO, - porque o Papa Bento XVI, em boa hora, lhe pôs termo)!... Custa-nos perder as certezas de ontem, sobretudo tratando-se de Crenças!... Mas “se todo o Mundo é composto de mudança...” temos, mais do que nunca, de estar abertos a novas aquisições e suas consequências! Lembremos, a título de ex., que amanhã a Igreja Católica perfilhava, oficialmente, a Tese de Armindo Vaz (bem fundamentada e, de resto ensinada nas UC, designadamente aos futuros padres), de que não houve a famigerada “Queda Original”!... A nova posição implicará a reformulação de muitos Dogmas... Talvez passemos a rezar: “Oh Maria, toda a vida sem pecado” ... (bem mais Meritório, - porque sem pecado também nós nascemos); tal como implicará interpretar como “Midrash” a afirmação de Paulo de Tarso, na sua Carta aos Romanos... “de que em “adam” todos pecaram”: Paulo (sem afirmar um Adão Histórico) está a considerar a versada “desobediência” daquele, de que versa Gn, - mas esta... nem por Cristo, nem por qualquer Apóstolo, foi tratada como um PECADO! E depois, se dum pecado se tratasse, seria mais lógico atribuí-lo a Eva, que primeiro se deixou tentar (ou no mínimo atribuindo-lhe igual culpa, para não ser injusto para com “adam”). Então terá de ser outra a interpretação: Paulo, fazendo “Midrash”, recorre ao Adão do Gn, mas tão só como termo de comparação: para mostrar quanto Cristo o superou!... Para fazer avultar a super-abundância do Perdão/Graça, que Cristo nos alcançou, pela sua Páscoa de total Justificação, - com o que instaurou o Reino de Deus, de Verdade e Justiça; de Amor e de Paz: O Reino dos Bem-Aventurados. Há, então um Homem Novo, por oposição ao Homem Velho, (que somos todos nós pecadores existenciais) que Paulo personifica em “adam”!... Também se não invoque, - como escolho de harmonização, - a passagem do Salmo: “E em pecado minha mãe me concebeu”! Não há aqui um reconhecimento de qualquer pecado original, transmitido por geração, mas um afloramento do entendimento judaico de então, de que os nascituros, ainda no ventre materno, podiam pecar e careciam (tal como a puérpera) de purificação ritual.

(continua próximo UNIASSES)

TESOURARIA

OUTUBRO / DEZEMBRO 2023

N.º	NOME	MONTANTE	N.º	NOME	MONTANTE
234	ACC	10,00 €	895	Jaime Paiva Frutuoso	50,00 €
41	Adriano Pereira Carreira	60,00 €	895	Jaime Paiva Frutuoso	50,00 €
73	Albano Martins Sousa	20,00 €	3024	João Batista Santos Abreu	20,00 €
3115	Alberto Jerónimo Silva Santos	20,00 €	3185	João Fernando Ribeiro Silva	20,00 €
152	Alvaro Marcolino Ferreira Silva	50,00 €	1975	João Paulo Vilas Boas	100,00 €
2748	Américo Pereira Espírito Santo	100,00 €	978	Joaquim António Pereira Dias	25,00 €
177	Américo Pinho Matos	50,00 €	2327	Joaquim António Valente	50,00 €
177	Américo Pinho Matos	50,00 €	1032	Joaquim Manuel Sousa Cardoso	20,00 €
175	Américo Pinto Alves	100,00 €	1040	Joaquim Mendes	50,00 €
175	Américo Pinto Alves	5,00 €	2942	Jorge Alberto Viegas Bárbara	20,00 €
192	Angelo Pereira Sarmento Vv	50,00 €	1090	Jorge Miranda Figueiredo	20,00 €
207	António Alberto Costa Senra	50,00 €	1116	José Alves Santos	50,00 €
2724	António Alberto V. Monteiro	25,00 €	3067	José Armindo Cas. Bento Pinto	80,00 €
3387	António Domingos S. Pereira	20,00 €	1139	José Avelino Lima Neiva	50,00 €
279	António Francisco L. Monteiro	15,00 €	3220	José Carlos Bat. Couto Barbosa	150,00 €
279	António Francisco L. Monteiro	15,00 €	1163	José Conceição Silva	30,00 €
294	António João Fer. Teixeira	40,00 €	1171	José Custódio Lopes	50,00 €
300	António Joaquim Galvão	30,00 €	1171	José Custódio Lopes	250,00 €
313	António José Card. T. Soares	40,00 €	1171	José Custódio Lopes	100,00 €
325	António José Reis S. Marques	20,00 €	1171	José Custódio Lopes	100,00 €
327	António José Sarmento Dias	60,00 €	3163	José Francisco Gomes Sousa	20,00 €
2581	António José S. Machado Silva	20,00 €	3029	José Luis Dias	40,00 €
331	António José Vieira Abreu	30,00 €	1239	José Luis Henriques Silva	50,00 €
2674	António Lopes Paiva	100,00 €	2465	José Manuel Lous. Lopes Subtil	120,00 €
345	António Manuel Cardoso Pinto	25,00 €	1269	José Manuel Pinto Ribeiro	100,00 €
2836	António Nascimento Magalhães	50,00 €	1319	José Nepomuceno Silva Dias	50,00 €
403	António Rodrigues Ferreira	10,00 €	1342	José Reis Fregedo	40,00 €
429	António Torres Vieira	50,00 €	2364	José Rui Soutelo Torres	30,00 €
441	Arlindo Piar Amaro Areias	20,00 €	2773	José Vaz	50,00 €
446	Armando Alves Ferreira Silva	50,00 €	1410	Luis Alberto Martins Gomes	30,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	20,00 €	1424	Luis Gomes Sousa	25,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	20,00 €	2713	Manuel Alberto Dom. Afonso	30,00 €
480	Artur Ag. Pires Martins Silva	20,00 €	1460	Manuel Alvaro Ferreira Silva	50,00 €
2165	Baltazar Fernandes Martins	50,00 €	1487	Manuel Assunção Casalta	30,00 €
2838	Benjamim Santos Alves	40,00 €	1495	Manuel Azevedo Gomes Costa	20,00 €
2791	Bento Ferraz Gomes Faria	50,00 €	1506	Manuel Carreira Esperança	20,00 €
536	Candido Augusto Sousa Macedo	50,00 €	1522	Manuel Dias Torres Neiva	20,00 €
545	Carlos Alberto Freitas Oliveira	40,00 €	2850	Manuel Inácio Estevinho	20,00 €
552	Carlos Alberto Silva	10,00 €	1579	Manuel Joaquim Teix. Romão	20,00 €
2720	Carlos Henrique Vitornio Viana	20,00 €	1589	Manuel Lopes Oliveira	20,00 €
571	Carlos Manuel Cardoso Sequeira	20,00 €	1629	Manuel Passos Silva Pe.	20,00 €
3056	Celestino Gonçalves Pereira	20,00 €	1682	Marcolino José Ribeiro Sobral	20,00 €
621	Daniel Martins Brito	50,00 €	1687	Maria Lurdes Monteiro Coelho	20,00 €
2514	Diniz Agostinho Gaspar	200,00 €	1704	Mário Jorge P. Martins Silva	20,00 €
696	Ernesto Candido F. Faria Vinha	20,00 €	1691	Mario Mário Alex. Ol. Sá Sil	20,00 €
701	Ernesto Pereira Gomes	30,00 €	1709	Mário Neiva Viana	20,00 €
733	Fernando Faria Torre	25,00 €	3036	Nelson Gomes Araújo	20,00 €
1957	Francisco Jesus Jarnalo	50,00 €	1768	Olindo Santos Geraldes	50,00 €
822	Francisco Sousa Martins	20,00 €	1775	Oscar Fernando Ribeiro	100,00 €
833	Gentil Pedrinho Amado	30,00 €	1776	Oscar Sousa Maia	20,00 €
2622	Heitor Bernardino L. Codeço	50,00 €	2185	Rafael Fonseca Meireles	30,00 €
2889	Helder Leal Martins	20,00 €	3079	Rogério Martins Teixeira	20,00 €
849	Hélio Sousa Martins	50,00 €	3439	Rui Manuel Santos Vilela	50,00 €
2990	Horácio Manuel Martins Brito	20,00 €	2502	Rui Martins Lopes	25,00 €
886	Isidro Manuel Amaral Linhares	9,15 €	1892	Timóteo Jorge Moreira	50,00 €
895	Jaime Paiva Frutuoso	50,00 €	1920	Vitor Manuel R. Matias Santos	20,00 €

N.º	NOME	MONTANTE
1441	Vva Luis Carmona-D.Maria José	100,00 €
2603	Zeferino Luis Barros Lemos	200,00 €
TOTAL		5.044,15 €

DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 31-12-2023	408	8.160,00 €
Ofertas	52	0,00 €
Para distribuição	60	

EDITORA MAAES CROWDFUNDING

CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35 (EXTRATO 25)

Saldo anterior (Uniases 207)	4.351,87 €
Distribuição de livros em 2023	179,00 €
	4.530,87 €

MEMÓRIAS E ESTÓRIAS

3- O MALVADO DO DIOSPIRO

Carlos L. Almeida – Godim 1961

Eu era um dos muitos que desconhecia completamente aquela coisa vermelha que era suposto ser uma fruta que nos era dada à sobremesa, logo nos primeiros tempos da entrada no Seminário... Assim:

- Sei lá se gosto daquilo!...E depois... como é que aquela coisa se come-rá? Com garfo e faca também? Que chatice!... E será mesmo boa?!...

- Não, não vou experimentar!...

E fui-os dando ao Colega do lado, por sinal um tal Barroso, de Santo Estêvão, que estava já no 2º ano. E pronto: lá teve o Barroso a sorte de ter ao lado um "pobre diabo" envergonhado e inexperiente como o Lourenço (que era o nome que os Padres me deram em Godim, tendo depois mudado para Almeida no Fraião!...).

Mas a vergonha e a inexperiência foram passando...e passado algum tempo, o Lourenço tomou uma decisão importante:

- Já chega de parvoíce...

- Às tantas aquilo até é bom e estou eu aqui feito parvo a dá-lo!...

- Tenho que experimentar...

E lá fui eu com o diospiro escondido num dos bolsos... Havia uma grande fila nos quartos de banho, a poente do campo de futebol. Primeiro iam os que iam só para mijar, os quais não podiam fechar a porta. Só depois é que iam os restantes (naquele dia os que iam a fazer o que era suposto e eu para aquela "operação" que se adivinhava delicada, uma vez que não tinha faca nem algo parecido...) Mas lá consegui realizar o objetivo de provar aquilo.

Resultado: aquilo era uma autêntica maravilha!... Maravilha na altura e maravilha ainda hoje!

Ao sair do quarto de banho, com quem havia de dar de caras? Com o tal Barroso a quem tinha dado dezenas de diospiros.... Furioso, agarrei-me descontroladamente a ele e ali surgiu o maior enxerto de porrada que me lembro de ter dado a alguém no Seminário:

- Então, meu malandro, não sabias dizer-me que os diospiros eram mesmo bons?!... Oportunista, é que o tu és...um verdadeiro oportunista! Malandro e oportunista!... Mas... acabou-se a mama... Acabaram-se os diospiros!...

E lá ficou o rapaz, feito parvo, a olhar espantado para mim, e



a tentar compreender a situação, bem como todos quantos estavam por ali perto!

Se, às vezes, estivéssemos calados!...

Os primeiros dias (ou até meses) no Seminário foram verdadeiramente terríveis. Com efeito, sem nunca ter saído de casa, sem ter amigos e nem sequer conhecidos!...

Mas, ao fim de algum tempo... lá consegui arranjar um amigo, talvez por ali andar completamente perdido como eu. Pouco sabia dele, só que era transmontano e era dos arredores de Vila Real... E quando as coisas estavam cada vez mais "avançadas" no conhecimento mútuo, eis que o meu amigo desapareceu, sem deixar qualquer rasto ou explicação!

E para ali fiquei eu, sozinho novamente, como nos primeiros dias... Mas, passados alguns dias (poucos), eis que o meu amigo voltou novamente!... E eu fiquei muito contente, lembro-me como se fosse hoje!

Estávamos os dois sozinhos num canto do grande espaço onde funcionava o recreio. Feliz como era normal, não pude deixar de o remirar de alto a baixo e não pude deixar de reparar nas suas enormes botas castanhas, já bastante "esfoladas" na ponta, sinal de que já não eram nada novas... E vai daí, na brincadeira, perguntei-lhe:

- Eh, pá...não me digas que foste a casa e te enganaste e trouxeste as botas do teu Pai?!...

E estranhamente, o meu amigo virou-se rapidamente e foi-se embora, chorando, compulsivamente, como uma criança que era!... E eu para ali fiquei, sozinho, sem saber o que fazer! Até que veio ter comigo um colega que estava perto de nós e me ouvira falar e me diz, exaltado e triste:

- Olha lá, meu parvo, tu és mesmo burro! Então não sabes o que é que aquele foi fazer a casa?!...

- Eu não!...

- Então não sabes que foi ao funeral do Pai?!...

Claro que eu não sabia! E claro que as botas eram mesmo do Pai!...

Foi este um dos episódios mais dececionantes e traumáticos da minha vida, razão pela qual nunca mais o consegui esquecer...

(É por estas e por outras que nós temos dois pés, duas mãos, dois olhos e dois ouvidos e temos somente uma língua! Mas, mesmo assim... ainda falamos muitas vezes demais!... Razão que levou Adenauer a dizer que "todos os órgãos do corpo humano se cansam um dia. Menos a língua!")

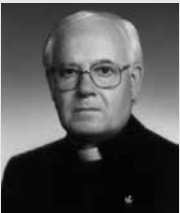
NOTÍCIAS TRISTES...



Pe. MANUEL SANTOS NEVES

Nasceu em Jancido – Foz do Sousa, Gondomar, no dia 21 de fevereiro de 1928. Entrou no seminário do Fraião, em outubro de 1941. Após o ano de Noviciado, no seminário da Silva-Barcelos, faz a sua Profissão Religiosa a 8 de setembro de 1947. Em Viana do Castelo, estuda a Teologia e é ordenado sacerdote, no Fraião, a 29 de março de 1952. É nomeado para a Província onde exerce o seu ministério como professor, no seminário de Godim e no Fraião, de 1953 a 1973; neste mesmo espaço de tempo, desempenha as funções de Diretor, de Superior e de 1º Assistente Provincial. Em 1973 parte para Cabo Verde, onde assume o cargo de Superior Principal. Em 1979, é nomeado Procurador da Congregação junto da

Santa Sé, por um período de 10 anos. Regressando a Portugal, desempenha o cargo de administrador da LIAM e ecónomo da comunidade da Estrela, entre 1989 e 1992. De Lisboa passa para a comunidade da Torre d'Aguilha, para tomar conta do economato local até 1996. Em 1997, é nomeado Superior da comunidade de Viana do Castelo. Em 2001, é transferido para a comunidade do Pinheiro Manso, onde foi Ecónomo por vários mandatos e assumiu a capelania das Irmãs Pobres até 2020. Dadas as suas limitações de saúde, em final de dezembro de 2021, foi transferido para a comunidade de Braga, Lar Anima Una. No dia 7 de julho de 2023, o Senhor da Messe chamou a Si o seu fiel servidor, com 95 anos de idade. Rezamos para que o Pe. Santos Neves esteja junto do Senhor da Glória e, desde o Céu, interceda pela Congregação e pela Igreja às quais entregou a sua vida.



Pe. AMÉRICO DE SOUSA ALVES

Nasceu em Lamas (Sta. Maria da Feira) e entrou para o seminário de Godim em outubro de 1949. Fez o seu noviciado na Silva e profissão religiosa em 8 de setembro de 1957, sendo ordenado presbítero em 3 de novembro de 1963. Em 1964, foi nomeado para Angola, onde desempenhou sucessivas e várias funções durante os seus 55 anos de missão.

“Se ainda me conservo fiel ao essencial é graças à grande misericórdia de Deus que nunca nos abandona, graças ao intenso trabalho que ocupa todo o meu tempo, graças à força da oração que faz ver o essencial, graças às Irmãs Missionárias e ao Povo com quem procuro estar unido no trabalho, na oração, nas alegrias e nas tristezas e graças também aos raros encontros com os confrades das Missões do Dundo e Saurimo. Talvez se possa chamar a tudo isto: Com – Unidade Religiosa Espiritana”.

Em 2019, em férias na família, foi acometido, subitamente, por um problema cardíaco. Depois de devidamente assistido e recuperado, a sua saúde pedia cuidados que o impediam de regressar a Angola e, em 2020, passou a viver na comunidade do Fraião-Lar Anima Una.

Assim foi o Pe. Américo missionário toda a sua vida. O Senhor da Messe chamou-o a Si, na madrugada do dia 7 de agosto de 2023.

Agradecemos ao Senhor o grande testemunho de entrega que nos deixou o Pe. Américo e sabendo que ele está agora junto de Deus, rezamos para que interceda pela Congregação e que o Senhor da Messe continue a enviar operários para a Sua Messe. NOTA: na sua edição de 7 de setembro de 2023, o Diário do Minho, em artigo de Bernardo Reis (atual Provedor da Sta. Casa da Misericórdia de Braga e ex-quadro na Diamang) é traçado um louvor à atividade em geral dos missionários do Espírito Santo em Angola, com uma tônica especial para o Pe. Américo.



Pe. FRANCISCO S. OLIVEIRA CARDOSO

Nasceu a 7 de janeiro de 1943, na freguesia de S. Miguel Arcanjo, concelho de Tarrafal, Ilha de Santiago, Cabo Verde. Entrou para o seminário de Viana do Castelo em 1961, tendo passado pelas diversas casas de formação, com colegas, que na sua grande maioria, eram bem mais novos do que ele.

Em 1969-70 faz o noviciado na Silva e a sua profissão em 8 de setembro de 1970. Depois dos seus estudos teológicos na Torre d'Aguilha, regressa à sua terra natal, onde é ordenado presbítero em 8 de agosto de 1976. Ficando a desenvolver o seu apostolado em Cabo Verde. Em 2007, deixa a paróquia de S. Salvador do Mundo, de Cabo Verde, e vem para Lisboa, onde começa por

fazer um ano sabático e opta por ficar na Província Portuguesa, desempenhando funções na animação missionária.

Depois de algum tempo em que a sua saúde se foi fragilizando devido a um problema oncológico, a 21 de agosto 2023, o Pe. Cardoso foi internado na Casa de Saúde da Idanha, das Irmãs Hospitalares do Sagrado Coração de Jesus, onde viria a falecer a 25 de setembro de 2023.

Damos graças ao Senhor pelo testemunho de fidelidade e de fraternidade espiritana que o Pe. Cardoso viveu. Damos graças ao Senhor também pelo testemunho de boa disposição e resiliência que demonstrou nos momentos de sofrimento, sobretudo nos últimos meses em que a sua saúde se fragilizou. Pedimos para que o Pai do Céu o tenha junto de Si, e recompense o seu fiel servidor.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor os acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de “falecido”, tivemos conhecimento do óbito de:

António Gouveia Fernandes - Pai do Pe. Pedro Fernandes, Provincial. Nasceu em 16-07-1942. Faleceu em Lisboa em 09-12-2023. Os ASES fizeram-se representar pelos ASES José Silva Dias, Rogério Carmona, Manuel Casalta, José Vaz.

Às 874 - Idálio Augusto Silva - Nasceu a 25-11-1933 em Cedovim, Vila Nova de Foz Côa. Faleceu dia 07-07-2023 no hospital de Santa Maria da Feira, e foi enterrado dia 09/07/2023 em Cedovim. Do curso de Godim 1945. Informação da filha Cristina Felisbela.

Às 471 - Armindo Augusto Fernandes Braz – Nasceu em 29-04-1941 e faleceu, na Parede, em 10-07-2023 na Parede, Foi irmão auxiliar. Telefonema da Esposa Constança Maria.

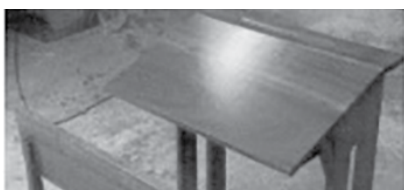
Às 192 - Angelo Pereira Sarmento - Nasceu em Fontelo-Armamar em 29-08-1922 e faleceu aos 101 anos em 01-11-2023. Telefonema de sua filha Maria Teresa. Do curso de Guarda Gare 1937.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

ESTANTE

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER

Joaquim Moreira - Silva 1955



Um título traz sempre uma ideia a confirmar. Ao iniciar uma leitura, empreendemos sempre uma viagem especial, levamos ideias feitas, mas haverá outras para fazer. No final, se lá chegarmos, será o balanço, e o livro encaminhar-se-á depois para os labirintos da memória, pequeno ou grande contributo à personalidade cultural de cada um, às vezes a inutilidade ou o olvido eterno. Milan Kundera, escritor checo “felizmente reinante”, foi moda aqui há décadas, o livro é de 1983, era quase obrigatório ler Kundera. Falava-se da insustentável leveza do ser como quem hoje se adianta e multiplica em receitas nutricionistas de verão. Agora, mesmo com a peneira do tempo a separar farinhas e farelos, tenho que reconhecer que a famigerada e insustentável leveza nunca deixou de me perseguir, fosse lá ela o que fosse, desde conceito filosófico do ser naturalmente abstracto, e volátil e, peço desculpa, inútil, até à simples ideia da vida naturalmente pesada, difícil e quantas vezes insustentável, a insustentável dureza da vida. Era preciso passar pela obra, mais vale tarde que nunca.

O livro deve ler-se como romance e não interessa aqui argumentar sobre o que é ou não é romance, levar-nos-ia muito longe e provavelmente sem grandes acordos à vista, cabe tanta coisa no romance, das histórias à Camilo Castelo Branco, clarinhas, quase comestíveis, de estrutura simples, acção quase pura, princípio, meio e fim, às narrativas, também com história, mas densas e filosóficas à Vergílio Ferreira, só para não sairmos de Portugal. O livro de Kundera fica como algo entre os dois ditos “ex-

tremos”. A gente começa a ler e chega a pensar que se vai tratar de mais uma vulgar história da vida, um cirurgião checo, Tomas, que se incompatibiliza com a legítima mulher e que, quando podia perfeitamente reiniciar a vida “solteiro e bom rapaz”, acaba por se prender a uma azougada Tereza, muito mais nova que ele mas com um bem definido sentido da vida e do amor. O resto é que não vai ser assim tão simples, que a vida é mesmo assim. A partir de certa altura metem-se as complicações, numa Checoslováquia comunista acordada para uma fascinante e improvável primavera, era o ano 1968, tanta coisa nova, tanta coisa boa, o maio em Paris, o Alexander Dubcek em Praga, entusiasmo universal, mas depois os tanques russos a esmagar qualquer veleidade no reino de leste. A emoção invadiu o ocidente, a esperança esmagada revoltou o mundo. Tomas e Tereza eram checos, e viviam em Praga.

Também para o casal a vida tinha que continuar, mas nem Tomas era um roberto qualquer nem Tereza desistia facilmente das suas convicções, formações culturais diferentes, vontades igualmente fortes, o amor a ligá-los, apesar de tudo. O doutor cirurgião teve que empregar-se em ofícios alternativos, limpar vidros pelas habitações, por exemplo, quando o partido, com P grande, lhe “pedia” uma manhosa declaração de fidelidade, os partidos são assim. Vários anos volvidos, quando Tomaz interiorizara já que amava realmente Tereza e não mais seria capaz de a abandonar, mesmo continuando a reincidir em imperiosas, constantes e declaradas infidelidades matrimoniais, a vida dos dois irá desaguar numa insignificante aldeia socialista onde as rotinas eram radicalmente outras e a infidelidade já não tinha sequer grandes hipóteses, abandono da cidade para uma espécie de paraíso reencontrado, sabor a desprezo do mundo, o ex libris da Imitação de Cristo, re-

miniscência da inefável loucura final de Nietzsche a chorar agarrado à cabeça de um cavalo vergastado pelo cocheiro, loucura e choro sinónimos afinal do seu divórcio com uma humanidade fracassada. Também Tereza pode parecer “louca” quando se demora a afagar a cabeça de Karenine mortalmente doente, e medita “no fracasso da humanidade”, e é importante falar do Karenine.

Karenine foi o cão que o casal adoptou, homenagem à Ana Karenina de Tolstoi. Ele se tornou o filho que (in)felizmente não tiveram, impondo-se como o cimento daquelas vidas tão tristes, “Karenine era uma parte da nossa vida”. Se nada mais houvesse no livro que fizesse pensar na insustentável leveza da vida, bastaria a envolvente humanidade com que um e outro o estimulavam e lhe prepararam a comovedora eutanásia, quando um cancro tornara tudo insuportável. A vida, as alegrias, os sofrimentos e a morte de um cão servem perfeitamente para equacionar os mesmos parâmetros na existência humana. Experimentem não chorar perante a narrativa que Kundera reservou para os últimos momentos de Karenine. Os animais são inestimáveis companheiros de viagem, e quem disser o contrário é capaz de não ter razão.

O livro termina com uma pequena festa dançante, dançam todos com todos, o casal, o presidente da cooperativa comunista local e um jovem camponês a quem o suspenso cirurgião valera num contratempo médico para ele quase insignificante. Dormiram fora. No ar o registo sereno de um fim de vida, Tomas e Tereza em recollecção final do que já não pode voltar atrás, arrependimento do que já não tem cura, não há mais caminho para andar, “Tereza, disse Tomas, mas tu ainda não reparaste que eu sou feliz aqui?”. Apenas uma resignação, uma espécie de reconversão à absurda, sustentável e confortável leveza do amor, da vida – do ser.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A. Carvalheira - UNIASES

Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

uniases@sapo.pt

TESOUREIRO:

919 441 970 / 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal... No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____